

CARTEIRINHA

O nome não vou dizer; fique sendo José; e trabalha em um desses departamentos submetidos diretamente ao Catete, que dão direito ao sujeito de usar uma carteirinha onde, acima de tudo, está escrito "Presidência da República". Foi com essa carteirinha que ele conseguiu passar a barreira de homens de Exército que guardava o Catete na madrugada de 24 de agosto. O tenente leu — "Presidência da República", não reparou que havia também menção de certo Conselho, mas reparou na linha que dizia "Assistente da Presidência". Uma ordem foi gritada para outros soldados, e ele teve passagem franca.

Quase no mesmo instante se arrependeu. Que diabo ia fazer no Palácio naquele momento dramático? Vira tanto jornalista e sujeito importante querendo entrar e não conseguindo que lhe dera de súbito aquela veneta de tentar ele também com sua carteirinha. Agora já estava no "hall"; foi entrando... Mas se deteve um instante porque viu um major da Casa Militar chamar vários soldados e dar ordens:

— Verifiquem a identidade de toda a pessoa que estiver dentro do Palácio! Verifiquem bem, um por um! Há algum traidor aqui dentro: o rádio está dando um minuto depois tudo o que aconteceu aqui no Palácio!

José começou a tremer. Em primeiro lugar não tinha como justificar sua presença ali; entrara de bobagem, entrara porque tinha aquela carteirinha... Mas o pior era que seu nome era igualzinho ao nome bastante conhecido de um seu primo, adversário do governo. Ia ser preso... Maquiavelmente passou para outra sala. Viu uma roda de generais. Viu também que soldados e guardas começavam a pedir carteira de identidade a muitas pessoas a seu lado. Estava com um cigarro na mão, trêmulo...

— Por favor, marechal, pode me dar o fogo?

O marechal Mascarenhas, que conversava em voz baixa com o general Zenóbio e o general Denys, voltou para ele os olhos brilhantes, como tentando reconhecer-lo:

— Pois não...

Acendeu um cigarro, deu uma grande tragada. E ficou ali, ao lado do marechal, na roda de generais. O general Zenóbio fitou-o com uma certa estranheza. "Naturalmente — pensou José — ele está pensando que sou amigo do marechal".

Cumprimentou-o com um movimento de cabeça, e o general respondeu. Não tinha coragem de arredar pé dali. Por uma janela viu lá fora homens armados, as árvores e as luzes do parque do Palácio. A dois metros dele um guarda, muito respeitoso mas muito firmemente, continuava a pedir a identidade de alguns paisanos. Depois da pausa causada pela sua chegada, os generais voltavam a conversar; ele ali junto... Teve a impressão de que alguém ia lhe bater no ombro, ele mostraria a carteira, seria levado lá para fora, fuzilado como espião entre as árvores do parque; lembrou-se dos integralistas que (dizem) foram fuzilados no Palácio Guanabara depois do assalto fracassado.

Então houve um movimento no salão. Um oficial, de braços abertos, isolava um grupo dos presentes, dizendo: "Vamos subir, os senhores podem subir..." Um grande elevador, que ainda não havia notado, abriu-se — e ele foi gentilmente empurrado, entre generais e ministros. Lá em cima estava o presidente com pessoas de sua família. Quase todos os que chegaram tomaram lugar à mesa; as portas se fecharam. Um medo quase pânico assaltou-o então: estava assistindo a uma reunião secreta, importantíssima. Ainda ouviu um oficial dar a outro ordens terminantes: controlar todos os telefones, e ninguém podia sair nem entrar no Palácio — ninguém...

* * *

E para encurtar a conversa o meu amigo José — que não é José — herói desta história absolutamente autêntica, só saiu do Palácio às 9 da manhã. Não sendo político nem repórter e não tendo nada, absolutamente nada, com aquilo tudo, assistiu a uma série de cenas, recebeu arma para ajudar na defesa do Palácio, viu o presidente morto, de pijama, suados pés à cabeça e quando chegou em casa, jogou-se na cama e fechou os olhos — até hoje não sabe se dormiu no mesmo instante de cansaço ou se desmaiou...

11/9/54

R. B.

147